

NEGRITUDE COMO FOCO PARA INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS E TERAPÊUTICAS

BLACKNESS AS ARTISCTIC AND TERAPEUTIC FOCUS.

Manoel Nogueira Maia Neto¹
Susana Kramer de Mesquita Oliveira²

Resumo

Este texto parte da experiência do projeto L'ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas, associado ao Laboratório de Relações Interpessoais (L'ABRI), do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). No semestre 2017.1, o projeto guiou-se pela temática "Negritude e Protagonismo Negro", promovendo atividades, como: rodas de conversa, cine debates e oficinas na universidade. O planejamento das ações seguiu a Matriz de Identidade, conceito-chave do Psicodrama de Moreno, que discute o processo relacional de construção da identidade através do reconhecimento de si próprio como protagonista, do outro também como protagonista e da interação de complementaridade entre estes – condição essencial para a saúde do sujeito. As intervenções artísticas permitiram registro das falas espontâneas dos participantes, observando-se a recorrência dos seguintes conjuntos temáticos: "infância, racismo e reconhecimento da negritude", "universidade, pertencimento e empoderamento" e "afetividade e solidão da pessoa negra". Baseando nisso, foram propiciados momentos para a realização de atos psicodramáticos à população negra da UFC, em 2017.2, por meio da intervenção psicodramática de aquecimento (pré-dramatização), dramatização (produção de contato com consigo para criativamente elaborar novas atitudes) e compartilhamento grupal. Neste trabalho, objetiva-se apresentar o modelo do Psicodrama utilizado no planejamento e execução das ações e discutir a experiência dos participantes, relacionando os elementos teóricos e vivenciais para a compreensão da saúde mental da população negra. O alcance do projeto pode ser percebido em todas as fases do projeto a partir dos ricos depoimentos apresentados, e em especial nos atos psicodramáticos, quando os protagonistas puderam (re)configurar suas percepções acerca de suas experiências e relações.

Palavras-chave: Palavras-chaves: Psicodrama. Negritude. Relações Interpessoais. Identidade.

Abstract

This paper is about the experience on the Project "LABRI no Bosque: Intervenções Artísticas", which is part of Interpersonal Relations Laboratory (L'ABRI), of Psychology course of the Federal University of Ceará (UFC). In the first semester of 2017, this project was embased for "Blackness and Black Protagonism" theme, promoting actions as rounds of conversation, cinedebates and workshops in university. Those actions were embased by Matrix of Identity, one of most important concepts of Moreno's Psychodrama, which argues about the interpersonal process of identity construction through the recognition of yourself as protagonist, of other as protagonist as well and the interplay further between them – main condition of subject's health. The artistic interventaion allowed to make a register of spontanely speech of the participants - it showed a often appearance of the subsequent themes: "childhood, racism and blackness recognition", "university, belonging and empowerment" and "affectivity and black person loneliness". In second semester of 2017, there happened psychodramatic acts to UFC's black people through the method of warm-up (pre-drama), the action (my-self contact production to creatively create new attitudes) and sharing in group. In this study, there aims to present the Psychodrama' model used on plaining and execution of activities and to debate the participants experiences, linking to conceptual and experiential elements to comprehend the black people mental health. This project impact can be demonstrate in every each phase through the participants' meanful speech – specially in the psychodramatic acts, when the protagonists were achieve (r)elaborate the perceptions about their experiences and relations.

Keywords: Psychodrama. Blackness. Interpersonal Relationships. Identity.

¹ Graduando do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e membro do Laboratório de Relações Interpessoais (L'ABRI). E-mail: maianeto.mn@gmail.com.

² Docente do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e coordenadora do Laboratório de Relações Interpessoais (L'ABRI). E-mail: susanakmo@gmail.com.

INTRODUÇÃO: CONTEXTO, TEMA E MÉTODO

Nesse trabalho, objetiva-se, inicialmente, apresentar o modelo utilizado no planejamento e execução das ações do projeto “L’ABRI no Bosque: Intervenções Artísticas”, um dos projetos do Laboratório de Relações Interpessoais (L’ABRI) – vinculado ao Departamento de Psicologia, da Universidade Federal do Ceará –, cujo eixo temático é “Vínculo e Saúde Mental”, desenvolvendo suas atividades e intervenções pelo viés da abordagem Psicodramática. Além disso, pretende-se discutir a experiência dos participantes, relacionando os elementos teóricos e vivenciais que subsidiaram as ações de intervenção à compreensão da saúde mental dos participantes.

Para o semestre 2017.1, o foco escolhido pelo projeto, “Negritude e Protagonismo Negro”, justificando-se pela importância de reconhecer a negritude e proporcionar relações étnico-raciais de qualidade, no contexto da diversidade de protagonistas que atuam no espaço acadêmico – tema de atuação imprescindível para a Psicologia, onde o referido laboratório se estabeleceu.

Jacob Levy Moreno (1983/1994), fundador do Psicodrama, elaborou um rico arcabouço conceitual e técnico, com o objetivo de compreender, avaliar e tratar as relações interpessoais e grupais (Fonseca Filho, 2000). Para tanto, o autor considera a importância de dois fatores principais: a espontaneidade e a criatividade. Espontaneidade diz respeito à capacidade de agir a partir de escolhas pessoais, autênticas, orientadas pela vivência inédita que o sujeito experimenta a cada momento; criatividade refere-se à capacidade de reconfigurar os elementos já estabelecidos (que Moreno chama de conservas culturais), abrindo espaço às expressões e ações espontâneas. A espontaneidade-criatividade atuará dentro das relações interpessoais propiciando um intercâmbio autêntico, singular, recíproco e co-criativo, que contemple as buscas e os projetos de vida dos protagonistas envolvidos. Moreno desenvolveu um modelo de intervenção que favorece a liberação da espontaneidade, a promoção da co-criatividade e o desenvolvimento de um intercâmbio recíproco (Fox, 2002). Para tanto, o autor segue a proposição de Martin Buber (1995), em que duas possibilidades de intercâmbio são previstas – a relação experimental e utilitária “Eu-Isso” e a relação vivencial e recíproca “Eu-Tu” –, propondo fases de desenvolvimento da reciprocidade, das quais destacam-se: o reconhecimento do eu, o reconhecimento do tu, a inversão de papéis, a circularidade afetiva.

Para o tema da “Negritude e Protagonismo Negro”, foi proposto que as categorias “identidade”, “pertencimento” e “relações” fundamentassem a estrutura teórica do projeto, baseando-se diretamente na teoria da Matriz de Identidade, formulada por Moreno (1983), a qual considera que, no processo de desenvolvimento da identidade, é essencial a valorização e o reconhecimento tanto de si próprio, como de seus complementares, bem como o desenvolvimento da reciprocidade entre os inter atuantes, comprometidos com o diálogo. Nesse sentido, são processos interligados: a formação da identidade, a condição dos vínculos estabelecidos e a saúde mental do sujeito. Segundo Malaquias, Nonoya, Cesarino e Nery(2016), “o racismo é um fator empobrecedor dos vínculos interpessoais, o que demanda o desenvolvimento de ações de cuidado nesse campo, compreendido também como cuidado à saúde mental dos sujeitos envolvidos nas relações em jogo. Não obstante o aumento da presença da população negra nos diversos cursos da universidade, a protagonização do negro e os cuidados às suas relações não têm tido uma expressão significativa nas ações extensionistas da universidade. O projeto L’ABRI no Bosque objetivou dar relevo ao protagonismo da pessoa negra e promover as relações interpessoais e inter-raciais que a envolvem, promovendo, assim, a saúde mental dos participantes – tema recomendado pelo Conselho Federal de Psicologia (2013).

Assim, o planejamento e a organização das ações do projeto seguiram as fases propostas pela Matriz de Identidade, bem como as orientações de Moreno (metodologia psicodramática) para a intervenção propriamente dita. O autor indica que toda a ação deve iniciar com atividades de aquecimento, que visam à preparação dos participantes para um envolvimento ativo e espontâneo; segue-se a dramatização, em que são promovidas produções verbais, textuais ou cênicas, as quais favorecerão a criatividade na apresentação de situações e atitudes relacionadas aos protagonistas, bem como na transformação dessas; por fim, um compartilhamento da vivência é promovido com todo o grupo. Moreno também indica papéis específicos para todos os participantes, a saber, diretor, protagonista ou ego auxiliar. O diretor é a pessoa que conduz o processo, função assumida nas ações do projeto pela coordenadora ou pelo bolsista do projeto, ou ainda por psicodramatistas convidados. Os protagonistas são as pessoas que irão ter a primazia da palavra, narrando suas histórias e apresentando seus pontos de vista, papel esse atribuído aos participantes negros das ações realizadas. Os egos auxiliares são os que contracenam com os protagonistas, sendo exercido pelas pessoas

que espontaneamente tomam esse lugar complementar no grupo, ou por pessoas convidadas especialmente para essa função nas atividades realizadas no projeto.

Todas as atividades foram registradas em diários de campo pelo bolsista do projeto, ou ainda por outros alunos que participaram como egos auxiliares em algumas atividades específicas.

RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

Todas as atividades foram trabalhadas em grupos, sob o viés psicodramático, com foco tanto nos aspectos individuais quanto grupal/social, visando à investigação e a recriação de conflitos, a partir do embasamento teórico de Jacob Levy Moreno. Focou-se em categorias relacionadas à identidade, aos vínculos interpessoais e à saúde mental da pessoa negra, compreendidas a partir de conceitos psicodramáticos (Fonseca Filho, 1980; Malaquias et al., 2016).

As atividades foram estruturadas em três momentos baseados na Matriz de Identidade: 1) “Eu-Negro” ou “Tornando-me Negro”; 2) “Nós-Negros”; 3) “Cultura Negra”. Na fase de reconhecimento do “Eu-Negro” (ou “Tornando-me Negro”), as ações se voltaram para as experiências e vivências de cada protagonista quanto à sua negritude. O objetivo da fase do “Nós-Negros” foi a promoção do “sentimento de comunidade” a partir de questões sócio-político-experienciais pertinentes ao coletivo negro, a saber, a luta antirracista e a necessidade de “enegrecer” as pautas dos movimentos sociais. Na fase da “Cultura Negra”, foram promovidos questionamentos em relação às diversas manifestações culturais, como a contação de histórias e a dança.

As atividades ocorreram em diversos espaços da UFC, como o Bosque Moreira Campos (CH I), o Auditório José Albano (CH I), o Auditório Rachel de Queiroz (CH II) e o Teatro Universitário Paschoal Carlos Magno (TU). Listas de frequência foram assinadas pelos participantes ao final das atividades promovidas, percebendo-se um total de cerca de 130 protagonistas e 20 colaboradores (com função de diretores, egos auxiliares, ou facilitadores).

O primeiro momento, o “Eu-Negro” ou “Tornando-me Negro”, trouxe o compartilhamento das experiências de descobrimento da negritude e empoderamento negro tanto das facilitadoras quanto dos(as) protagonistas, a partir do documentário “Ah, branco! Dá um tempo”, que propõe trazer o cotidiano do racismo entre estudantes pretos e pretas, na Universidade de Brasília. O cine debate proporcionou a discussão sobre os casos de racismo na infância, a ausência de representatividade negra legítima nas

mídias de massa, o empoderamento na universidade, a estética negra e relatos próprios e de pessoas próximas sobre a desproporcionalidade de poder dos professores no ambiente acadêmico.

As atividades do segundo momento foram: as rodas de conversa “Lugar de fala, lugar de escuta: a pessoa branca na luta antirracista?” e “Lugar de fala, lugar de escuta: é hora de enegrecer os movimentos feministas?” e o cine debate “Negro lá, Negro cá”. Tais atividades proporcionaram questionamentos raciais e identitários, sócio-políticos e emocionais acerca da negritude e suas vicissitudes, promovendo o sentimento de compartilhamento enquanto comunidade. Na primeira roda de conversa, sobre a luta antirracista, os principais conteúdos que surgiram foram, novamente, a infância e o racismo (no contexto escolar), as relações inter-raciais (sendo pontuada a negligência da pessoa branca em perceber seus privilégios sócio históricos e combater o racismo) e a importância dos coletivos negros para o seu empoderamento identitário.

Na roda de conversa “Lugar de fala, lugar de escuta: é hora de enegrecer os movimentos feministas?”, as facilitadoras e as(os) participantes pautaram, em especial, os assuntos relacionados à animalização-objetificação do corpo feminino, à importância de pensar a interseccionalidade do sujeito (LGBT, negro, feminino), à representatividade “branca” da beleza pela mídia e a influência disso na infância, à estética preta como ferramenta de empoderamento e à afetividade da pessoa negra, que está diretamente relacionada ao longo processo histórico de “bestialização” do negro. No cine debate “Negro lá, Negro cá”, os facilitadores (o diretor e um entrevistado do documentário) e os estudantes africanos estrangeiros, ratificaram as questões sobre o “racismo cordial” brasileiro (piadas e máximas cotidianas, por exemplo), a estereotipia dos acadêmicos africanos (extremamente pobres, “maconheiros”, “com ebola”) e o machismo do qual as mulheres ainda são constantemente vítimas.

No terceiro momento, relacionado à “Cultura Negra”, foram apresentadas e discutidas as manifestações artísticas negras, afro e afro-brasileiras. A primeira ação foi a oficina “Brincando com Africanidades”, que pautou a infância e o brincar por meio de dinâmicas, como a imitação e a revisitação do jogo infantil “Escravos de Jó” sob a nova temática de “Guerreiras e guerreiros de Nagô”, sendo esta finalizada com a contação de uma história dos orixás Ibeji e a criação grupal de uma cena baseada em orixás. A segunda oficina foi a de “Bonecas Abayomi”, que, de acordo com o facilitador, foram bonecas criadas pelas negras escravizadas, com pedaços de pano em nós, para seus filhos nos navios negreiros, sendo esta arte

uma demonstração de resistência.

Por último, ocorreu o dia de apresentações artísticas chamada “ArteAfrocentrada”, sendo, primeiramente, realizada a apresentação “Adjokê e as palavras que atravessaram o mar”, mostrando, por meio de vivências, as influências vocabular, culinária e musical africanas na cultura brasileira. Depois ocorreu a encenação do solo “O Último Voo da Andorinha”, no qual este representa a passagem e a dialética morte-vida do/no corpo ancestral preto.

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Todas as atividades foram gratuitas e realizadas entre os meses de maio e junho de 2017, alcançando um público diversificado de acadêmicos (docentes e discentes) e/ou membros de movimentos sociais. Todos os participantes – inclusive os facilitadores – receberam declarações por suas participações, sem retorno financeiro. A análise dos dados ocorreu por meio da discussão de diários de campo e relatórios em reuniões entre o bolsista e a professora coordenadora, destacando-se três conjuntos temáticos recorrentes nas falas dos participantes e facilitadores, a saber: “infância, racismo e reconhecimento da negritude”, “universidade, pertencimento e empoderamento” e “afetividade e solidão da pessoa negra”.

Nas diversas ações, com frequência e de forma direta ou indireta, percebeu-se o racismo, nas discussões promovidas sobre as experiências na infância – nem sempre percebido e nomeado como “racismo” (Schucman, 2010) e a sua influência no processo de construção da identidade dos sujeitos negros, sendo, além de construtor valorativo identitário, um fator importante para compreender processos de adoecimento dessas pessoas. No processo histórico, que é atravessado pelo longo e cruel período de escravidão brasileira, os estereótipos acerca do negro (“fedorento”, “forte”, “animal”, “preguiçoso”) e de sua cultura (“demoníaca”, “exótica”, “distante”) atualizam-se nos preconceitos contemporâneos.

Refletindo sobre a construção do papel “menina mulher negra” no contexto escolar a partir de cenas do curta metragem Jennifer, de Renato Candido de Lima, costurados por conceitos psicodramáticos elegidos - como o de Matriz de Identidade, que seguimos neste artigo, Gesser e Costa (2018) apontam sobre esse espaço racialmente prisional da menina-mulher-negra em contexto branco “(...) têm por objetivo, de maneira direta, inferiorizar, imobilizar e controlá-los [os sujeitos negros], causando-lhes, assim, diversas distorções em sua autoimagem e autoestima, resultando, dessa forma, na despotencialização da liberdade de expressão do eu

em suas origens” (p. 22). É, em continuidade da escola, entendida até o caminho da universidade, que ocorre a reprodução e a retroalimentação de preconceitos e discriminações - “onde o silêncio habita a boca daquele que deveria ser o mestre da transformação, o(a) professor(a)” (p. 29).

Malaquias et al. (2016) afirmam que o racismo é talvez a conserva cultural mais antiga e cruel que existe em se tratando de conservas relacionais, pois empobrece os vínculos humanos, segrega as pessoas umas das outras e, o que é pior, delas mesmas. Apesar do benefício no sentido de aprendizagem dos padrões culturais, a conserva cultural se coloca como empecilho quando se cristaliza, determinando padrões comportamentais, valores e formas de agir socialmente que podem automatizar o homem. O racismo se coloca, assim, como um fator de risco para a saúde mental da população negra (CFP, 2013).

Na (des)linearidade histórica, a hierarquia de certos grupos (brancos) sobre outros (afro e indígenas) é uma herança perpassada, sendo internalizada como papéis privilegiados e merecedores e como papéis desvalorizados e desmerecedores, respectivamente. Essa condição atravessa a afetividade da pessoa negra, que pode ser exemplificada nas constantes objetificações do corpo negro pela mídia e redes sociais, como o mito do preto “hiperdotado” (homem negro com pênis gigante) e da “mulata exportação” (mulher negra clara com traços finos). Esses discursos, com extrema apelação sexual, se concretizam nas relações interpessoais, nas quais as pessoas negras são postas à distância dos contatos considerados “românticos”.

Como instrumento de protagonismo e “revolução”, Malaquias et al. (2016) pontuam que

O Psicodrama inspira a luta contra os fantasmas e o rompimento das algemas da repetição socioemocional, convocando todos ao processo de criação de uma nova era. Incita a nós, homens e mulheres de nosso tempo, ao protagonismo de nossa história, profetizada em sua Revolução Criadora (p. 94).

O outro conjunto temático correspondeu ao ambiente acadêmico. Relatado ambigualmente, a universidade é um lugar que remete ao sentimento de não-lugar e às relações adoecedoras com professores, que ainda exercem um poder simbólico desproporcional, assim como à possibilidade de empoderamento, principalmente quando as pessoas negras encontram algum grupo ou coletivo que permita compartilhamento

de experiências entre os membros, associados tanto à qualidade político-social desses agrupamentos, como à característica identitária desses movimentos.

Utilizando-se do entrevistas e o método sociodramático para avaliar qualitativamente como ocorreu o processo de inclusão racial a partir da política afirmativa para cotistas na Universidade de Brasília, entre os anos de 2003 e 2005, Nery (2008) observou que os cotistas interagem predominantemente com uma dinâmica afetiva grupal relacionada ao temor da discriminação e à tentativa de sua eliminação por meio da autocobrança para um excelente desempenho acadêmico, evitando participar de eventos relativos às questões raciais e se expor por temer a discriminação. Já os não-cotistas interagem com uma dinâmica afetiva grupal em que há predomínio da indiferença ao cotista (e ao estudante negro), do descaso em relação às identidades raciais e da negação da compreensão dos fundamentos teóricos e históricos das políticas afirmativas, gerando novos tipos de preconceitos e discriminação no contexto inclusivo. A sociometria resultante é a de isolamento do cotista (e do estudante negro) em relação ao grupo-universidade.

Em relação à possibilidade de se repensar as modelagens das conversas culturais atuais, o conceito psicodramático de espontaneidade se faz valioso: com o exercício desta habilidade – mesmo por vezes menos exercitada – tornamo-nos capazes de responder inusitadamente ou renovadamente em contextos já estabelecidos, e nos desenvolvemos e nos engrandecemos para sermos além de “simples engrenagens sociais” (Rojas-Bermúdez, 2016, p. 51). Pensando na cristalização causada pelo racismo, a espontaneidade se coloca essencial para repensá-la, possibilitando vínculos e relações promotoras de saúde (Fox, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “LABRI no Bosque”, por meio das suas ações, proporcionou o levantamento de questionamentos sociais, políticos e emocionais sobre as experiências dos facilitadores e participantes acerca da negritude, permitindo a coleta de informações importantes úteis ao saber e ao fazer da Psicologia, assim como possibilitando um contínuo de provocação e exercício ético e racialmente implicado do Psicodrama. A infância e a construção da identidade, os processos de saúde-adoecimento na universidade e as questões sobre afetividade e solidão da pessoa negra se mostraram aspectos fundamentais na promoção de sua saúde mental para sujeitos negros. Logicamente cabe aqui destacar tanto a própria limitação deste estudo, recortado no seu tempo histórico, na localização

(majoritariamente acadêmica) de seus participantes e facilitadores e na utilização da ferramenta psicodramática, quanto de sua potencialidade à abertura para amplificação teórica-interventiva a partir dos “furos” encontradas mobilizações do leitor.

Desenvolvido em 2017, na temática “Negritude e Protagonismo Negro”, este projeto de extensão permitiu a criação de espaços de compartilhamento das vivências dos participantes, viabilizando o compartilhamento das experiências de negras e negros acerca de seus desafios identitários, em que se destacam as vivências de desvalorização, as relações interpessoais atravessadas pelo racismo e o baixo sentimento de pertencimento (da escola e, em pico, da universidade).

Mostrou-se fundamental o trabalho planejado e realizado em etapas, com registro e análise continuada do processo. Assim, por meio das intervenções artísticas, o levantamento de depoimentos e de temas articulados favoreceu a percepção de que o contexto da negritude implica em modos de relacionamento com baixo nível de reciprocidade. Por sua vez, no semestre letivo seguinte (2017.2), tal levantamento permitiu o planejamento e execução de ações em atos psicodramáticos focados mais diretamente na promoção da saúde mental dos envolvidos. Nos atos psicodramáticos, o método psicodramático foi utilizado integralmente, seguindo-se os momentos de aquecimento, dramatização e compartilhamento, utilizando-se técnicas dramáticas de promoção do reconhecimento do eu, reconhecimento do tu e inversão de papéis, dentre outras. Tal metodologia acessou uma melhor percepção dos lugares e dinâmicas do sujeito negro com os seus complementares mais significativos, bem como da recriação e reconfigurando dos lugares de opressão (estagnação da espontaneidade) e de adoecimento (impedimento da reciprocidade).

Por fim, a experiência demonstrou a importância de colocar as diversas abordagens psicológicas a serviço de temas atuais e relevantes, como a negritude e suas relações, buscando-se a compreensão dos fatores de risco e de proteção para a saúde mental de populações específicas. Nesse sentido, o Psicodrama mostrou-se um embasamento teórico-prático de grande alcance – tendo-se percebido, em todas as atividades vivenciadas, a fundamental articulação entre espontaneidade, criatividade e conservas culturais –, fornecendo, assim, elementos importantes tanto para a estruturação das ações, como para compreensão de seus significados.

REFERÊNCIAS

Buber, M., & Zuben, N. A. (1995). *Eu e tu*. São Paulo.

- CFP. Conselho Federal De Psicologia (2013). *Racismo e Saúde Mental* Carta aos gestores e participantes do Encontro Nacional da Rede de Atendimento Psicossocial, Curitiba. Recuperado de <http://www.crpasp.org.br/portal/comunicacao/diversos/cd-saude-mental/racismo-e-saude-mental/racismo-e-saude-mental>.
- Fonseca Filho, J. (1980). *Psicodrama da Loucura*. São Paulo: Ágora.
- Fonseca Filho, J. (2000). *Psicoterapia da Relação*: elementos de Psicodrama contemporâneo. São Paulo: Ágora.
- Fox, J. (2002). *O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. São Paulo: Ágora.
- Gesser, R., & Costa, C. (2018). Menina Mulher Negra: Construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 26 (1), 18-30. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-53932018000100003.
- Malaquias, M. C., Nonoya, D. S., Cesarino, A. C., & Nery, M. P. Psicodrama e relações raciais. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 2016, 24 (2), 91-100. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.15329/2318-0498.20160023>.
- Rojas-Bermúdez, J. (2016). *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo: Ágora.
- Moreno, J. L. (1983). *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus Editorial.
- Moreno, J. L. (1994). *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. Goiânia: Dimensão Editora.
- Nery, M. P. (2008). Afetividade intergrupala, ações afirmativas e sistema de cotas para negros (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília, Brasília.
- Schucman, L. V. (2010). Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. *Revista Psicologia e Política*, 2010, 10 (19), 41-55. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2010000100005&lng=pt&nrm=iso.